

## **A intersubjetividade contemporânea: os desvalidos de Eros**

Francimar Duarte Arruda

*Resumo:*

*A presente deserotização das relações humanas repercute na sociedade atual nos moldes de um hedonismo sem precedentes na história da humanidade. Nesse trabalho, pretende-se esclarecer as causas geradoras desse problema, que a partir de desvios de seu leito primordial, ocasionaram um desmonte que hoje se apresenta como simulacro. Os efeitos perversos desse fenômeno justificam a ausência de projetos e a desesperança que perpassam nosso cotidiano. Pode a educação ajudar a diluir esse processo?*

*Palavras-chave:*

*Eros; simulacro; intersubjetividade.*

Professora e vive-coordenadora do  
Mestrado em Ciências da Arte,  
Instituto de Artes e Comunicação  
Social. Universidade Federal  
Fluminense- UFF  
Doutora em Filosofia da Educação

Perspectiva. Florianópolis, v.19, n.2, p. 389-403, jul./dez.2001

Em cada época, o homem estabelece seu próprio diálogo com o mundo. Ora enfatiza seu caráter imponderável, e por isso mágico, ora capta sua profunda simetria. Todas essas falas são complementares e ajudam na decifração daquilo que é mais do que o enigma da natureza, ou seja, o seu verdadeiro mistério. Significa que quanto mais deciframos os enigmas da natureza, mais e mais amplos aparecem os limites do desconhecido, o mistério do mundo. Aqui, mistério não se opõe a razão como se fora seu limite, ele é seu horizonte. A razão é continuamente desafiada a conhecer um processo que não conhece termo, e hoje, esse processo se chama intersubjetividade. A famosa frase de Sartre *O inferno é o outro* se materializou e tornou-se a aporia que inaugura o século XXI. Entende-se por aporia a dificuldade lógica da qual não se pode sair, objeção ou problema insolúveis. Eis o horizonte de nossas reflexões: caminhar à procura do outro como busca de si mesmo, busca essa que se tornou um problema em nossa época. Por quê?

Todas as nossas relações com o mundo têm uma constituição intersubjetiva. O fato de a coisa percebida ser perceptível por outros introduz a referência a outrem na constituição mesma da coisa, enquanto coisa presumida; é precisamente o horizonte de perceptibilidade, esse reverso invisível do visível, que remete ao outro. Há, entre a posição do outro enquanto aquele que percebe e a admissão desse invisível em relação às coisas, uma relação recíproca. Todo sentido tem finalmente dimensões intersubjetivas; toda *objetividade* é intersubjetiva, enquanto o implícito é aquilo que um outro pode explicar. Mas, sobretudo esse papel fundamental e absolutamente primitivo da intersubjetividade ganha seu sentido maior quando é estendido a outros registros que não a representação; quando ele é mais operado que proferido, mais vivenciado que representado. Aí então, é na semântica do desejo que essa textura é mais manifesta. Ora, é evidente que o desejo, como modo de ser junto aos seres, só é desejo humano se a visada é não apenas desejo do outro, mas desejo do outro desejo, isto é, solicitação. E aqui se enlaçam outros temas a serem percorridos: sentido, corpo, vida, reconhecimento, palavra, em suma, a própria intersubjetividade.

A dimensão intersubjetiva do desejo é a verdade profunda da existência humana, na medida em que visa a estruturar a constituição do sujeito, enquanto ser de desejo em seu autêntico existir. Escutemos uma fala que fundamenta esse tema.

Hegel (1957) foi o primeiro pensador a tocar no tema da intersubjetividade. A extraordinária intuição do filósofo consiste em mostrar que uma consciência só chega a ser propriamente consciência através do reconhecimento de outra consciência; eu só sou consciência porque o outro me vê como consciência. Portanto, não é da própria consciência que a gênese do sentido procede. Ela é antes habitada por um movimento que a mediatiza e que eleva sua certeza à verdade. Sabe-se que Hegel (1957 p.37) chama de consciência, na Fenomenologia do Espírito, a simples manifestação do ser do mundo por uma testemunha que não se sabe a si mesma. Antes da consciência de si, a consciência é simplesmente a manifestação do mundo ou um ser-na-vida. Esse primeiro traço comanda o segundo, isto é, o que está em questão é a produção do si da consciência de si e este se prefigura no desejo, se toma a si como desejo. Como?

O homem deseja e consome aquilo que deseja, e isso num itinerário que parece não conhecer termo. Em seu primeiro momento, o desejo vive, assim, à custa da afirmação do objeto: ele quer o objeto e, consumindo-o, termina negando esse mesmo objeto, decreta sua morte. Mas esse processo, aparentemente interminável de desejo e morte, leva a abrir as portas para um novo momento do processo dialético, que constitui a antítese do primeiro. O que acaba sendo a tediosa repetição da alteridade através do consumo faz com que a consciência se dê conta de que o que ela realmente deseja não é o objeto, e sim o próprio desejo. Entretanto, o desejo é necessariamente desejo de algo, e o que se transforma neste momento está precisamente no sentido desse algo. Esvai-se o sentido da multiplicidade de endereços que define todos os desejos particulares, eles se esgotam. O abandono, a negação do objeto como desejo e sua morte desempenham um papel essencial na recondução do movimento do desejo. Pode-se dizer agora que a consciência de si é desejo, porque essa consciência passa a desejar a si mesma através da negação, da não coincidência consigo mesma. Ela já traz em si a negatividade que a torna outra e que obrigando-se a ser outra, instaura o movimento recorrente do seu verdadeiro sentido, o desejo de Ser. É de fato um outro que não a consciência de si que é a essência do desejo, e é por essa experiência que essa verdade se torna presente à consciência de si. O desejo de si se desemplica do desejo de alguma coisa; para isso, ele se busca a si mesmo no outro.

Uma exegese da consciência consistiria então numa progressão através de todas as esferas de sentido que uma consciência deve encontrar e de

que deve se apropriar, para se refletir a si mesma como um si, um si humano, adulto, consciente. Esse processo nada tem a ver com a introspecção. Não é de forma alguma um *narcisismo*, já que o núcleo do Si não é o Ego psicológico, mas o que Hegel chama de espírito, isto é, a dialética das próprias figuras. A consciência é apenas interiorização desse movimento, que é preciso retornar nas estruturas objetivas das instituições, dos monumentos, das obras de arte, e da cultura. Todo o livro de Hegel pretende descrever as etapas, em sentido ascensional, metafísico, dessa freqüentação da alteridade; a análise procede então do nível mais inferior, com a descrição do processo da certeza sensível que inaugura o nascimento da consciência, e ergue-se, progressivamente, atravessando o reino da autoconsciência, o da razão, o do espírito, o da religião, para atingir finalmente o referido saber absoluto. A dialética do desejo integra e fundamenta um momento importante desse avanço do Espírito, já que inventa as instâncias inaugurais do aparecimento da autoconsciência. O desejo a institui e para as nossas análises aqui, esse recorte é que vai nos interessar como fundamento. Se Hegel encaminha o desejo para uma simbiose (idealista) com o Absoluto, trata-se de uma opção, uma escolha sua. Para nós, a dialética do desejo visa a chegar, precisamente a esta constatação: “eu sou eu”, e esta afirmação requer a alteridade; esse é o nosso problema básico na atualidade.

A fenomenologia do desejo, sobre a qual nos detivemos um pouco, consiste em expor o sentido e as condições do desejo. É somente se a vida se manifesta como um outro desejo que o desejo é desejo, e essa certeza, por sua vez, tem sua verdade na reflexão duplicada, na duplicação da consciência de si que é desenvolvida na dialética do mestre e do escravo, que dá seqüência ao capítulo sobre a autoconsciência no texto de Hegel. E, somente nessas condições de duas consciências, é possível uma emergência da consciência de si no meio da vida. A reflexão pode ser criadora, porque cada momento envolve em sua certeza um não-sabido que todos os momentos ulteriores se empenham em explicar e em mediatizar. Eis porque Hegel (1957 p.160) liga o conceito de infinidade a esse trabalho do reconhecimento mútuo: o conceito de consciência de si, diz ele “é o conceito da infinidade a se realizar na e pela consciência”. De fato, a oposição pela qual cada consciência se busca na outra e “faz o que faz enquanto a outra também o faz”, segundo Hegel (1957 p.152) é um movimento infinito no sentido em que cada termo sai de seus limites para tornar-se um outro. Reconhecemos aí a inquietude da vida levada pela oposição e pela luta. É

somente nessa luta pelo reconhecimento que o si revela não ser jamais o que é, e nessa qualidade, ser infinito. Ainda mais se o retiramos da reflexão e o fazemos cair no vivido, no sentido, na carne, nas emoções. Não poderemos encontrar, não mais no exterior dessa dialética (reflexão sobre), mas de alguma maneira em sua filigrana, o que se poderia chamar de caráter insuperável da vida e do desejo?

No horizonte dessa reflexão, assumir o desejo implica cruzar a linha onde a utopia encobriria o real; seria preciso refletir de novo sobre essa experiência e, ao defrontar-se com o limite da linha, ampliar-se o horizonte, de forma que, assumir corresponda não a uma posse, mas a uma entrega à dinâmica do desejo. Trata-se de abrir mão do ideal de senhor para viver a diferença da singularidade onde se cultiva o intercâmbio, a troca, o espaço essencialmente erótico da experiência humana. O outro, cujo desejo é o desejo do outro ao realizar-se nessa mesma dinâmica, se realiza como outro, inapossável na sua singularidade e, por isso disponível para a intersubjetividade.

Alguém afirma “eu quero”, fórmula acabada da assunção do desejo. Para que o seja, torna-se mister que ao ver-se barrado ao nível do enunciado, perca-se no labirinto da enunciação a fim de viver a experiência como num primeiro momento. Mas, desse mergulho, o segundo momento da mesma experiência, o sujeito emerge revigorado e integra esse momento numa dimensão onde o “eu quero” se deixa investir na realidade da experiência do querer e completa-se na ação transformadora do real, em que satisfazer o desejo é confraternizar-se com os outros sujeitos no gozo de suas diferenças.

Bem, a reflexão elaborada até aqui sobre o desejo como dimensão primordial do homem infelizmente, hoje, situa-se no plano do dever-ser. Isto é, o desejo tornou-se algo a ser atingido, quando a bem da verdade deveria ser um pressuposto para a formação/construção do sujeito. Esse deslocamento origina o nosso diálogo atual com o mundo que não é mais magia nem simetria, mas simulação. Os modos de ser e comportamentos característicos do nosso cotidiano, denotam uma dificuldade ou incapacidade de desenvolver a vivência de uma subjetividade ou de reconhecê-la no outro. Trata-se de uma anulação da vida interior, substituída pela aderência ao concreto, imediato, passando o valor humano a ser determinado pelas posses materiais e a capacidade para a ação em detrimento do pensamento. O esvaziamento interno prejudica ou anula a capa-

cidade criadora de simbolizar o sujeito, respaldando assim as experiências objetivas em significados afetivos. Essa característica se mostra subjacente a diversas facetas freqüentemente presentes, de modo simultâneo ou isolado, nos indivíduos gerados pela cultura do consumo. Do consumismo banal ao Workaholismo e à drogadicção, do culto ao corpo à violência, formas inócuas, grotescas ou trágicas de divertimento são utilizadas na vida cotidiana por aqueles que são capazes de se ver apenas como objetos, abrindo mão assim da dimensão de sujeito.

Os grandes progressos no campo da tecnologia geraram importantes mudanças nas formas de organização social: a aceleração do tempo de produção e da informação, e a globalização da economia repercutiram intensamente na produção de objetos oferecidos ao consumo, possibilitando o surgimento da massificação do seu uso em diversos setores da vida. Esta se encontra saturada por informações, serviços e diversões, tendo o entretenimento tomado em larga escala o lugar da cultura enquanto espaço de reflexão e criação de projetos. Essas transformações modificaram, em relação ao período anterior, as formas de pensar, sentir e agir, marcadas agora não mais pela unidade dos grandes ideais que caracterizavam a modernidade (Deus, Razão, Verdade, Totalidade, Estado, Família etc), construídos numa dimensão temporal ligada a valores de permanência e continuidade, mas por uma simultaneidade de tendências diferentes, por paradoxos, e pela predominância da busca do prazer imediato associado a um sentido predominante do fluuante, do transitório e do fragmentado. A ênfase é colocada nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilidade como assinala Harvey (1997): são jogados fora não só objetos, mas estilos de vida, relacionamentos, tradições que *se desmancham no ar* ao sabor do mercado. A experiência cotidiana força a adaptação à transitoriedade, ao bombardeamento de estímulos. Esta volatilidade / efemeridade favorece o surgimento de formas caricaturais de individualismo com traços exacerbados de narcisismo, enquanto a fusão grupal substitui as antigas distinções individuais. O sujeito precisa aprender a responder rapidamente às mudanças e desenvolver muitas vezes respostas defensivas, como negações, idealizações, especializações estreitas, excessiva simplificação na apreensão de si mesmo e na interpretação dos acontecimentos.

E o desejo, como fica? Ele vem embalado numa caixa, de preferência envolta de purpurina, com manual de instruções para seu uso. Em outras palavras, não produzimos o desejo, ele já vem pronto para uso, só nos resta

consumi-lo, consumá-lo e assim recaímos naquele desejo de qualquer outro, que precisa ser extinto para que eu me sacie. Desejo morte, onde não há projetos porque não conseguimos produzir nossas próprias imagens num movimento de dentro para fora e assim estabelecer nossos próprios fins imaginários, que cabe à faculdade de desejar, perseguir e construir. A isso chamamos liberdade, mas não como ato isolado, narcísico, mas como construção de um Universal Concreto que atende pelo nome de vida.

Por conta disso entendemos a importância das imagens como fundamental na dinâmica do consumo. A publicidade não é mais construída apenas na intenção de informar ou promover um produto, mas para manipular desejos e gostos por meio de imagens que nos chegam de fora para dentro. O constante lançamento de novas mercadorias e o seu consumo dependem do controle dos julgamentos pessoais, com repercussão na própria percepção da individualidade. A sensibilidade se torna frágil, e a identidade inconsistente pela atenção maciça nas imagens e nas impressões causadas. Se anteriormente os indivíduos eram avaliados pelo seu caráter, hoje são julgados em função de suas posses. É pela imagem que se estabelece a identidade no mercado. A busca de um significado para a vida passa muitas vezes pela falsificação através da aquisição de um sistema de signos: “Fake it till you make it”, diz o slogan publicitário de um consultor de imagem de Nova York (HARVEY, 1997p.289).

O processo de produção-consumo, criando ilusões de realidade, influencia também a percepção do mundo. Os signos, super-recriando ou hiper-realizando as coisas, segundo as expressões de Eco (1984), tornam o mundo *vago como um fantasma*. Baudrillard (1981), chamando a atenção para o lado sombrio do consumidor manipulado pelo sistema, afirma que a realidade é reinterpretada por meio de um *conluio* dos indivíduos com os meios de comunicação, que alimentam um simulacro do mundo, reduzindo sua complexidade a uma série de imagens. Daí termos dito que nossa relação hoje com o mundo é uma simulação. Os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação, não nos informam sobre o mundo, mas o recriam à sua maneira, e o transformam em espetáculo, como demonstra Certeau (1995); este, tanto pode envolver atrocidades como promover periodicamente a consagração de heróis instantâneos, na orquestração de comissões ou comemorações populares, que mobilizam multidões em torno de temas reveladores do imaginário social, como vitórias esportivas ou a morte de personalidades.

A volatilidade na cultura do consumo decorre tanto da diversidade de estilos e tendências presentes ao mesmo tempo num mesmo espaço, como da própria natureza dos objetos consumidos, que projetados para serem substituídos o mais rapidamente possível, perdem sua *objetividade*, na conceituação de Arendt (1972) da capacidade de resistência, duração e estabilidade. Enquanto muitas oportunidades de socialização e desempenho de papéis são oferecidos, a constante renovação na produção de significados torna as coisas fragmentadas e efêmeras. O indivíduo contemporâneo, nas palavras de Berman (1987, p.119), “encontra-se em um ambiente que promove aventura, poder, alegria, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

O consumo tendo-se transformado na moral do mundo contemporâneo, é portanto sobre ele que se equilibra toda uma sociedade que, nas palavras de Baudrillard (1981, p.244), se mostra “saturada, sem vertigem e sem história, sem outro além de si mesma”; sabemos que o objeto é nada, por detrás dele se estabelece o vazio das relações humanas, o desenho quimérico da imensa mobilização de forças produtivas e sociais que nele vem se reificar. Baudrillard fala no processo de “auto profecia” para caracterizar o narcisismo coletivo que leva a sociedade a confundir-se na imagem que oferece a si mesma, da mesma maneira que a publicidade acaba por convencer as pessoas dos seus corpos e dos seus prestígios. No entanto, a profecia não possui como substância ideais futuros ou heróis de transcendência, mas apenas o reflexo de si mesma e de sua imanência. A publicidade permite que o consumidor leia nela a todo momento o que ele é e o que deseja ao mesmo tempo em que o consegue. Não há desta forma distância nem dilaceramento ontológico. A sutura é imediata, assim sendo, não há consciência infeliz, porque não há desejo como processo de alcançar a si através do outro, não há nada a alcançar.

Mas, o preço que se paga por essa sutura imediata é a insignificância, termo que Heidegger (1972) também analisou. A insignificância exprime a perda de sentido, e a coisificação do mundo em entidades isoladas. O mundo sem sentido é, por isso mesmo, insignificante, ou seja, não revela mais a sua estrutura ontológica, o ser-relacional. É a angústia que revela essa situação, revela o nada do mundo, o nada do mundo ontológico e o tudo do mundo ôntico que é esse da banalidade, do vazio, da simulação, do faz de conta.

Eis o quadro atual de nossa relação com o mundo e o motivo pelo qual a formação do sujeito não se completa nem no outro, nem em si mesmo. Parece um quadro geral prematuro, como uma criança que não se formou inteiramente e precisa da encubadeira para terminar seu processo de completude. Faltam a este ser coisas essenciais para que o possamos chamar de humano, e os motivos são bem claros: os valores de transcendência são substituídos por bens consumíveis, a simultaneidade de tendências e a conseqüente falta de referências externas e internas mais sólidas geram um vazio de identificações e de ideais, capazes de cumprir a função de integração ou reintegração, que deveria sustentar uma consistência, para si e para o social, da auto-imagem ou processo de autoconsciência. Os heróis contemporâneos, como assinalou Baudrillard, op. cit não estão mais vinculados a uma cultura de tradição, onde o tempo, ao invés de “ser dinheiro”, é algo a ser construído, vivido, respeitado, e que implica aceitar o dilaceramento ontológico resultante da vivência da falta, que o desejo como processo integrador movimentava o sentido da vida. Oferecendo simulacros, o meio ambiente proporciona valores descartáveis no lugar de valores de dedicação que possam facilitar a integração. As conseqüências desse processo são atitudes únicas e violentas ligadas à desilusão, adotadas pelo sujeito, que não vê mais no mundo sua morada, fazendo da realidade existente instância normativa da realidade ideal, ou, não podendo mudar, permanece imerso na ilusão, na simulação, característica maior do eu isolado, narcísico, infantil, prematuro. Nesse caso, os investimentos nos objetos ou nos outros se caracterizam pelas idealizações; portanto não há luta, confronto, alteridade. Esses investimentos são hedonistas e os objetos externos tornam-se apenas fragmentos de espelhos refletindo os aspectos dispersos do sujeito ideal porque parcialmente saciado. O investimento não é portanto em outros, mas no próprio eu. O outro não sendo referência identificatória, a sustentação para o eu se reduz à sua própria imagem. Não havendo a intersubjetividade, a subjetividade é um mero reflexo do que poderia ser. Esse sujeito carece de desejo próprio como movimento de tomada de si a partir do outro, a esse sujeito contemporâneo chamamos no início do trabalho de *desvalidos de Eros*; somos nós.

Será ainda possível desta forma deixar um lugar para a esperança em possibilidades de constituição de subjetividades mais consistentes? Penso em Pascal (que em 1669 disse uma frase incrivelmente atual):

“Não tendo podido curar-se da morte, da miséria, da ignorância, os homens resolveram, para serem felizes, não pensar nestas coisas”. Já passou até da hora de assumirmos o preço a se pagar para incorporarmos a dor resultante da aceitação da falta, do vazio e da morte. A partir desta perspectiva, deve-se procurar soluções por veredas que nos tornem acessíveis um viver criativo, concreto onde se possa construir soluções mais sólidas frente ao desamparo da vida cotidiana. É necessário, ainda, buscar modos de eufemizar, modos de inventar rasteiras, como na dança da capoeira, utilizando-se da possibilidade subjetiva de, caçando em terreno alheio, apropriar-se de um modo pessoal, desejante daquilo que é imposto pela forma tão radical quanto a morte: a vida.

Nesse sentido, qual o espaço que a educação poderia ocupar no encaminhamento de possíveis soluções? Todo mundo, ou quase todo, parece de acordo ao reconhecer que o sistema de educação deve ser mudado, pois não corresponde às necessidades da nossa época.

As divergências relacionam-se à amplitude que deve ter essa mudança. Trata-se de adaptar melhor o ensino aos seus fins, sem levar em conta estes fins? Por exemplo, fornecer às empresas novas formas de qualificação de mão-de-obra da qual precisam a curto prazo? Fornecer à sociedade no seu todo, o estilo de cultura ou de moral que reflita melhor sua evolução recente? Em outras palavras, devemos adaptar nosso sistema educacional à ordem existente, essa ordem de todas as “reformas do ensino”? Ou, diferentemente, devemos fazer da educação um fermento de ruptura com essa ordem? Ou seja, não mais lhe dar como tarefa o procurar ser um reflexo fiel, mas, ao contrário, buscar um projeto de outra sociedade a ser criada? Não se trata portanto de se adaptar a uma realidade já existente, mas de se preparar para inventar o futuro. Não se trata de uma reforma do ensino, mas de uma revolução cultural, de uma mudança não só dos métodos e das estruturas, mas do próprio objetivo do ensino.

A orientação de pensamento atual tende a considerar que a mutação em curso, neste começo de milênio, não subverte apenas os métodos e as estruturas das nossas sociedades, mas os valores e os fins da vida humana, tão profundamente quanto a que marcou, há cinco ou seis mil anos, a passagem da vida de caçadores e de pastores nômades à de agricultores sedentários.

Ora, a mudança atual tem uma amplitude comparável: não só os limites dos Estados-nações, mas também das culturas e dos valores estão

em jogo, e as possibilidades de comunicação entre as idéias “planetarizaram” nossos problemas, incluindo também nossa moral e nossos objetivos.

De agora em diante, nenhum problema, nem o das nossas relações com a natureza, nem o da nossa relação com os outros homens e com as sociedades, nem o do nosso relacionamento com o futuro, com os próprios objetivos da aventura humana e com a fé, poderá se resumir aos limites de uma nação, nem mesmo de uma “ciência” separada de uma “sabedoria”, ou seja, de uma reflexão sobre os fins. O futuro não pode ser um lugar de probabilidades, de extrapolações dos prolongamentos do passado e do presente, mas o lugar das possibilidades, isto é, da criação e realização do completamente outro, completamente novo.

É preciso não se enganar de século. Não estamos mais no século XIX, que foi o século das nacionalidades e da tecnociência, mas às portas do XXI, que deverá ser o século do diálogo das civilizações, da sabedoria.

Tornar-se-ia sábio, então, pretender a totalidade do desenvolvimento de todas as riquezas humanas em cada homem e em todos os homens. Não existe nenhum ser humano que não possa, em tese, desenvolver esta ou aquela forma de sensibilidade, de inteligência ou de criação que não possa trazer à comunidade seu dom insubstituível. Utopia? Claro, o que seria de nós se não tivéssemos algo para mudarmos de lugar; porque utopia não quer dizer tão somente lugar nenhum, mas também o prefixo *u-* *topos*, significa fora do lugar. Como bem diz Bloch (1976) “Ser homem é ter utopias”, isto é, o ser humano é um misto de presente, de transformação e de carência. Assim, os homens não podem simplesmente aceitar a situação como definitiva, sem alternativa. Contar, portanto, apenas com o presente é tornar-se prisioneiro dele, voluntariamente. É o horizonte do futuro que dá à realidade a sua dimensão possível.

No entanto, parece que estamos prisioneiros hoje, de um social simulado, e essa situação provoca a escassez. Ela marca todas as relações entre os homens, tanto em nível material, como em emocional e espiritual. Coloca em movimento a existência não explicitando as conseqüências desta, que revela o atual processo de desumanização. As conseqüências sem referências de si e do outro objetivam-se em suas obras e essa objetivação torna-se alienação, já que os outros roubam-na ou falseiam sua significação. Todos os conjuntos são finalmente tragados pelo que Sartre (1960) chama de prático-inerte, ou seja, a organização social transformada em coisa à qual os indivíduos se sub-

metem como uma necessidade (e não desejo). O desejo jamais é pura necessidade, mas apelo e solicitação, mesmo se esse apelo é figurado por um gesto. O que marca a distância entre desejo e necessidade é a aptidão do desejo a ser dito, a se transformar em linguagem, comunicação, intencionalidade, disponibilidade.

É fato que uma nova maneira de se situar e compreender o mundo não nasce abruptamente; ela se apóia em posições existentes que, muitos vezes, são enunciadas por indivíduos que, em seu tempo, souberam “auscultar o crescimento da grama”, isto é, tiveram olhos para ser e ouvidos para ouvir. No que diz respeito à mudança de valores, Sorokin (1979) fala de um mecanismo de saturação. Em sentido figurado, dir-se-ia que é difícil determinar antes que venha a ser atingido, o ponto de saturação da água que sujamos. É este estado imperceptível, mas nem por isso menos real, que convém discernir. Da mesma forma, pode parecer presunçoso ou perfeitamente insensato indicar, num mundo dominado pela economia dos bens e simulação dos afetos, a emergência de valores ecotizantes de sociabilidade. Na melhor das hipóteses, pode-se considerar isso como a expressão de um sonho qualquer sem conseqüências. Entretanto é esta a aposta que se pretende fazer. Para os mais céticos, propõe-se considerar que se trata aqui de aplicar o método do “faz-de-conta”, que tem possibilitado avanços científicos conseqüentes. Façamos de conta que os feixes de índices propostos ou a articulação das imagens são convincentes. É possível, então, que adquiram sentido muitas atitudes que havíamos relegado ao rol dos fatos provisoriamente inexplicados. É possível, então, que surja esta intuição que, num intenso fecho de luz, dê conta de uma configuração que se tinha como obscura ou como resultado de um mundo em decadência. É possível, enfim, que se tome consciência deste mecanismo de saturação que faz com que um valor, ou um conjunto de valores já fatigados, cedam o passo, a outros princípios dinâmicos.

Considero este o espaço possível da educação no momento. Se ela é uma relação interpessoal, poderia se configurar como um lugar privilegiado dessa proposta existencial coletiva. Precisamos ensinar velhas lições que, por uma questão de desvio das contingências do processo da vida, nos parecem lições novas. Se o simulacro vivenciado hoje é a negação do mundo real, precisamos fazer a negação da negação como proposta pedagógica e usar o mesmo mecanismo do sistema, em nível de contradiscurso.

O mecanismo é plausível, o grande problema é quem poderá efetivar esse processo de inversão, esse saber lidar com a coincidentia oppositorum, esse ser que poderia se caracterizar como inaugurador de mundos novos. O professor? Penso que este se encontra também desertizado e se esquece que “cada época imagina a que a sucede” (BENJAMIN, 1959). E este sonho pode ser um devaneio de vigília, sendo mesmo assim; dinâmico, até quando se trata de exprimir um paradoxo aparente. Não nos esqueçamos que o barulho Eros é, ao mesmo tempo, o Deus do amor e da morte.

Diante da fragmentação em que o homem se encontra hoje, diante da desesperança que nos invade, somente mudanças radicais de atitudes poderiam reverter o atual quadro de penúria. E se, talvez, porque não tivermos este ser-professor para nos ajudar (está combalido), nos resta aguardar a natural explosão quando negamos um elemento, quando exorcizamos uma dimensão fundamental de nosso ser, que é o desejo. O fantasma da sociedade de consumo, a unidimensionalidade da globalização, a banalização das relações sociais são couraças que, por sua própria rigidez, geram o estilhaçamento, implodem, morrem.

E já que o professor talvez não possa ser o inaugurador de um mundo preñado de vida, há que esperar na companhia do tempo poético; porque todos nós sabemos que a poesia tem a potência criadora ligada ao desejo, desejo do desejo do outro, que nos fala, nos acalenta, dizendo:

*Não sou nada  
Nunca serei nada  
Não posso querer ser nada  
À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo  
Janelas no meu quarto.  
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
Fiz de mim o que não soube  
E o que podia fazer de mim não o fiz.*

(Fernando Pessoa, 1960, p. 323)

Aprendi com ele, bom professor, que quando não há desejo, só resta tolerar. Haja tolerância.

## Referências

- ARENDETT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARRUDA, Francimar Duarte. A magia do conhecimento pela compreensão das veredas poéticas: imaginação e educação. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 21, v.1, n.37, p. 7-25, 1999.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1981
- BENJAMIN, W. *Correspondente*. Paris: Aubier, 1959.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- BLOCH, E. *O homem como possibilidade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1952.
- CERTEAU, M. *L' invention du quotidien, Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
- DUMONT, L. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- HARVEY, S. *A crise do processo identificatório*. Lisboa: Ed. Estampa, 1995.
- HEIDEGGER, M. *L' être et le temps*. Paris: Gallimard, 1972
- HYPPOLITE, J. *Genese et structure de la phénoménologie de L' Esprit. de Hegel*. Paris: Aubier, 1963. v.2
- HEGEL, F. *Phénoménologie de L' Esprit*. Paris: Aubier, 1957. v 1.
- PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960
- SOROKIN, P. *Le paradoxe et le système*. Paris: P.U.F.,1979

*Abstract:*

*The current de-eroticism of human relationships affects today's society as a kind of hedonism unknown in the history of humankind. This article aims to clarify the causes of this problem, that is, the deviation from its primordial soil which provoked a disassemble that nowadays shows itself as simulacrum. The perverse effects of this phenomenon explains the absence of proposals and lack of hope that prevail in our everyday life. Can education help to reverse this process?*

*Keywords:*

*Eros; simulacrum; intersubjectivity.*

*Resumen:*

*La presente deserotización de las relaciones humanas repercute en la sociedad actual en los moldes de un hedonismo sin antecedentes en la historia de la humanidad. En este trabajo, se pretende aclarar las causas generadoras de ese problema, que a partir de desvíos de su comienzo, ocasionaron un desarme que hoy se presenta como simulacro. Los efectos perversos de ese fenómeno justifican la ausencia de proyectos y la desesperanza que traspasan nuestro cotidiano. ¿Podrá la educación ayudar a diluir ese proceso?*

*Palabras claves:*

*Eros; simulacro; intersubjetividad.*